

A MISERICÓRDIA DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO NO LIVRO DO GÊNESIS

Vicente Artuso*

Resumo

O artigo comenta, a partir do livro do Gênesis, a revelação de Deus em atos de misericórdia em favor dos pobres e desprotegidos. A misericórdia de Deus é revelada de geração em geração. Porém, os textos têm a marca de uma cultura da violência nos esquemas de culpa e castigo. Alguns textos apresentam reações contra a violência e a vingança. A bondade e misericórdia de Deus aparecem nos tratados de Aliança gratuita com os patriarcas. A promessa, bênção, descendência, movem a história do povo que vai progredindo na vida comunitária e adotando costumes e normas mais humanitários. Assim também os textos bíblicos posteriores apresentam correções e complementos, em vista da vivência de uma nova aliança baseada no amor e na misericórdia.

Palavras-chave: Senhor. Misericórdia. Promessa. Bênção. Gênesis.

Abstract

The article comments, from the book of Genesis, the revelation from God in acts of mercy in favor of the poor and unprotected. God's mercy is revealed from generation to generation. However, the texts are tagged with the culture of violence in patterns of guilt and punishment. Some texts present reactions against violence and revenge. The goodness and mercy from God appear in the treaties of free Alliance with the patriarchs. The promise, blessing, offspring move the people's history that makes progress in the community life and adopts more humanitarian costumes and rules. In the same way, the following biblical texts present corrections and complements, in view of the perception of a new alliance based on love and mercy.

Keywords: Lord. Mercy. Promise. Blessing. Genesis.

* Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico e Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor do mestrado e doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

1. Introdução

“Sua Misericórdia se estende de geração em geração” (Lc 1,50). Este cântico de Maria sucede o encontro com Isabel, a qual realiza uma bela ação de bondade para com sua parenta grávida. São duas mulheres agraciadas. Maria se regozija porque também o Senhor havia mostrado misericórdia com Isabel tirando o opróbrio que caíra sobre ela devido à sua esterilidade. Maria exulta no Senhor porque fez grandes coisas em seu favor e sua misericórdia perdura de geração em geração (Lc 1,49-50). Ele socorreu Israel seu servo, conforme prometera em favor de Abraão e de sua descendência (Lc 1,54-55). No passado, todas as ações em favor do povo eram vistas como obra da misericórdia desde a criação até o Êxodo. E isso era celebrado no salmo: “Eterna é sua misericórdia” (Sl 136).

O primeiro sinal da misericórdia de Deus é sua visita, sua proximidade, seu olhar e sua escuta que o move para libertar e dar vida. Assim como o Senhor viu a humildade de sua serva Maria, Ele é o vivente que viu a aflição de Agar no deserto. Foi cheio de graça e bondade com Abraão prometendo-lhe bênção, descendência, terra.

O presente estudo, inspirado nesse verso do cântico de Maria (Lc 1,50), concentra a atenção em algumas ações da bondade e misericórdia de Deus. Embora os termos *hesed*, (bondade, misericórdia), *hen* (graça), ou *rahamim* (compaixão) sejam pouco frequentes no livro do Gênesis, a história revela a bondade de Deus e sua compaixão nas situações de humilhação, solidão, sofrimento, ameaça.

Destacamos os fatos ligados aos pais e mães do povo. Como Deus olhou para a humildade de Maria e fez grandes coisas, também agraciou Isabel, agraciou Abraão e Sara dando-lhes descendência, mas também protegeu Caim para impedir a vingança, compadeceu-se do menino Ismael e sua aflita mãe. Enfim, as narrativas do Gênesis revelam o Deus da Aliança gratuita. Com a aliança, repete-se a promessa de bênção ao povo eleito. A misericórdia é revelada de geração para geração até o presente. A memória dos fatos reaviva a consciência de ser povo eleito com a missão de ser bênção. Uma vez agraciados como Maria e como Abraão, temos a missão de ser bênção (Gn 12,3). Assim, a misericórdia divina “se estende de geração em geração”.

2. Caim, marcado para viver

A violência humana oprime suas vítimas, compromete a vida social. Este é um dado que a Bíblia assume plenamente: o crime de Caim (Gn 4,1-16), os massacres dos soldados do general Holofernes (Jd 2-7), a opressão dos filhos de Israel no Egito (Ex 1-5), a violência na guerra e violência bárbara contra a mulher (Jz 19-21). A Bíblia relata o que os leitores constatarem no dia a dia da vida. O modo habitual de reagir é usar a violência para pôr fim a esses males. A justiça

retributiva se encontra em muitos textos. Não se trata aqui de minimizar a ação de Deus na violência que comporta o exercício da justiça como aparece em vários textos¹. Trata-se de perceber que em meio à cultura da violência, mesmo que a lei do talião fosse um avanço, aparece em certos textos reações negativas à lei da vingança, sobretudo quando está em jogo a vida do pecador. Tomemos a história do crime de Caim, primogênito de Adão e Eva (Gn 4,1-16).

Esta história, que espelha o conflito entre agricultores e pastores, também explica a origem dos quenitas, povo que habitava ao sul do Mar Morto (Nm 24,21-22). O assassinato de Abel é um crime que clama aos céus por justiça: “O sangue do teu irmão grita a mim do solo” (Gn 4,10). Deus escuta o grito dos pobres e oprimidos (Ex 22,22; Dt 26,7; 2Sm 22,7)² e está do lado das vítimas do mal. O texto dá como conhecida a lei do talião, pois logo que Caim se confronta com o Senhor, porque matou o irmão, dirá consigo mesmo: “O primeiro que me encontrar me matará” (Gn 4,14). Mas o Senhor diz “quem matar Caim será vingado sete vezes” (Gn 4,15). Então o relato acrescenta “O Senhor colocou um sinal sobre Caim, a fim de que não fosse morto por quem o encontrasse” (Gn 4,15). Caim é marcado para viver! Deus vai contra a cultura da violência segundo o costume de vingar a morte de alguém no clã com a mesma medida. A violência só vai gerar violência e vingança “setenta e sete vezes” (Gn 4,24). Contra a violência, Jesus prega o perdão setenta vezes sete (Mt 18,22). Se o crime e a violência se instalaram desde as primeiras gerações, há relatos que preanunciam a misericórdia divina em favor da vida desde as origens para todas as gerações. Percebe-se, no entanto, uma progressão da revelação divina até sua plenitude em Cristo que aboliu a vingança e pregou o amor até aos inimigos, aos que nos perseguem e maltratam (cf. Mt 5,44). “Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7).

3. Noé e sua família, agraciados

O relato do dilúvio narra a destruição de todo ser vivente (Gn 6,5–7,24) restando apenas a família de Noé. Esta história tem certo paralelo com histórias de enchentes muito antigas na Babilônia. São conhecidas mais de quatrocentas lendas de dilúvio. Na sua forma final no Gênesis, sua redação ocorreu no contexto do exílio (587-538). O exílio de Judá para Babilônia resultou no caos social, destruição das instituições (templo, monarquia), sofrimento, doença, morte. Era preciso recomeçar uma nova humanidade com uma nova ordem (Gn 9,1-28). A difusão da nova raça no mundo de então está de acordo com a ordem de crescer,

1. CAUSSE, J.D.; CUVILLIER, E.; WENIN, A. *Violenza divina*. Un problema esegetico e antropologico. Bologna: EDB, 2012, p. 22-23.

2. GIUNTOLI, F. *Genesi 1-11*: introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo, 2013, p. 113.

multiplicar-se, dada no momento da criação³. Em meio à perversão e violência (Gn 6,11), o relato acrescenta que “Noé encontrou graça aos olhos do Senhor” (Gn 6,8). Significa que há um resto digno da misericórdia: Ele era “justo, íntegro e andava com Deus” (Gn 6,9). E Deus prometeu estabelecer uma aliança com Noé (Gn 6,18).

Segundo Milton Schwantes⁴, começando com a casa do justo, Deus reconstrói uma nova humanidade. Se o pecado, violência e corrupção foram o motivo do dilúvio, porque o coração humano tende ao mal desde a adolescência, o mesmo motivo levou Deus a prometer: “Nunca mais haverá dilúvio” (Gn 8,21; 9,12). Esta promessa indica que o relato do dilúvio desautoriza o método da violência, do medo, imposto pelos imperialistas babilônicos para submeter o povo.

Contavam-se histórias de dilúvio na ótica dos dominadores para que o povo, assustado com a ameaça do castigo, fosse obediente e não contrariasse as leis. Porém, no Gênesis, o relato mostra Deus descontente com o dilúvio e ao lado do povo. Ele faz aliança com Noé, sua descendência e com toda a criação. A aliança misericordiosa do Senhor se estende da arca “casa comum de Noé, seus filhos e animais” (Gn 6,18) para toda a criação depois do dilúvio (Gn 9,17). Parece claro o princípio de que não é destruindo o pecador que se destrói o pecado. Deus não quer a morte do pecador e nem a destruição, como parece à primeira vista no texto. Deus quer preservar a vida e, por isso, faz aliança com todo ser vivo prometendo: “Nunca mais haverá dilúvio” (Gn 9,11).

4. Deus ao lado de Agar e seu filho

Em Gênesis é dada importância primeira à promessa a Abraão de uma descendência numerosa. A descendência é sinal da bênção, pois “a imagem e semelhança de Deus” se perpetua nas gerações (Gn 1,27; 5,1-3). O ser humano, centro da criação, é capaz de invocar o Senhor. Segundo a tradição Javista, o nome “Enós”, filho de Set, significa “homem”. Foi ele o primeiro a invocar o nome do Senhor (Gn 4,26). O mesmo Senhor se revelará a Moisés como “eu sou” (Ex 3,14-15). Naquela ocasião, o nome indica a paixão e zelo permanente de Deus em favor do povo e isso é simbolizado na visão da sarça que arde sem se consumir (Ex 3,2). Nesse contexto da revelação de Deus ao lado dos oprimidos para libertá-los, o relato da expulsão de Agar para o deserto revela a face de Deus que se deixa ver.

Em Gn 16,1-15, Sarai maltratou Agar, de forma que ela fugiu de sua presença. Nessa circunstância de fuga, medo, o Senhor se revela através do anjo que

3. BLENKINSOPP, J. *Creazione de-creazione, nuovacreazione*: introduzione e commento a Genesi 1–11. Bologna: EDB, 2013, p. 13.

4. SCHWANTES, M. *Projetos de esperança*: meditações sobre Gn 1–11. São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 43-51.

Ihe promete descendência: “Estás grávida e darás à luz um filho e tu lhe darás o nome de Ismael, pois o Senhor ouviu tua aflição” (Gn 16,11). Na aflição, opressão, como ocorreu com o povo escravo (Ex 3,7-9), Deus se revela como “*El Roi*”. Significa que Agar tem uma experiência: “Deus está me vendo” (Gn 16,13). O narrador conclui a história dizendo que Agar deu à luz um filho de Abraão e ela lhe deu o nome de Ismael, que significa “Deus escutou”.

Há um jogo de palavras com os verbos “ver” e “escutar” associando o nascimento de Ismael com o sofrimento de Agar e a revelação de Deus que vê e escuta. Ver e ouvir são elementos importantes da antropologia bíblica. Aqui se evidencia melhor a presença atuante de Deus vivo. Por isso se chamou aquele lugar “poço de Laai-Roi”, isto é, poço “do vivente que está me vendo” (Gn 16,14). No relato paralelo de Gn 21,8-21, Deus também se revela compassivo: “Deus ouviu os gritos da criança e o anjo de Deus, do céu, chamou Agar” (Gn 21,17). Através do anjo, Deus promete que fará do filho de Agar uma grande nação (Gn 21,18). Curiosamente, a narrativa não menciona o nome “Ismael” como em Gn 16, cuja narração menciona duas vezes este nome (Gn 16,10.15). Porém, o texto relata que Deus ouviu o grito da criança. O fato de haver dois relatos sobre a expulsão de Agar e, em ambos, com a revelação de Deus mediante o anjo que vê, escuta, e restaura, indica a face de Deus compassivo. Os pobres fazem a experiência da gratuidade quando não tem a quem recorrer. A expressão comum “Só por Deus”, expressa confiança e abandono à providência. No Gênesis, esses relatos mostram a experiência religiosa de Deus ao lado dos fracos. Ele age gratuitamente.

5. Gratuidade e bênção a Abraão e sua descendência

Jean Louis Ska, em recente livro sobre o Antigo Testamento⁵, destaca o valor dos relatos do Pentateuco em vista de criar um povo unido. Este é o primeiro objetivo das histórias dos patriarcas. Todos os membros do povo descendem dos mesmos antepassados: Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, Jacó e Lia e Raquel, suas duas mulheres. Abraão é o antepassado de Israel escolhido, pois tinha um passado limpo, provinha de Hebron, um lugar de Judá que nunca foi conquistado nem destruído⁶. Ele só podia ser do sul, pois as tradições de Israel depois da queda de Samaria (722 a.C.) passaram para Jerusalém. Pois bem, Abraão percorreu a caminhada do povo da Mesopotâmia, para Canaã, de Canaã para o Egito. Além disso, percorreu todos os lugares importantes da terra prometida: Siquém e Betel no norte e especialmente Hebron, Bersabeia no sul. Com razão, afirma Ska, nenhuma região pode reivindicar ter o monopólio sobre Abraão⁷.

5. SKA, J.L. *O Antigo Testamento*. Explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele. São Paulo: Paulus, 2015, p. 36.

6. SKA, *O Antigo Testamento*, p. 37.

7. SKA, *O Antigo Testamento*, p. 39.

Nos relatos de Abraão encontram-se promessas de um filho, de descendência, de terra. O relato que caracteriza a gratuidade de Deus ao eleger Abraão é Gn 15,1-11. Abraão é o primeiro que crê. Deus conclui com ele uma aliança gratuita. Numa visão, Abraão fala a Deus: “Eis que não me destes descendência” (Gn 15,2). Abraão é desafiado a contar as estrelas do céu. Então Deus lhe diz: “Assim será a tua posteridade” (Gn 15,5). E o narrador acrescenta: “Abraão creu no Senhor e isto lhe foi tido em conta de justiça” (Gn 15,6). Abraão é justificado gratuitamente pela sua fé. Fé, fidelidade, bem antes da observância da Lei. Paulo, na carta aos Gálatas, acentua a primazia da fé e da graça sobre a lei mosaica. “Uma Lei vinda quatrocentos e trinta anos depois não invalida um testamento anterior feito por Deus, de modo a tornar nula a promessa” (Gl 3,17). Com efeito, Deus concluiu com Abraão uma Aliança antes da Aliança do Sinai (cf. Gn 15,18). Portanto, graça e bondade de Deus estão na origem do povo eleito.

Outro relato de Aliança é Gn 17,1-27, da tradição Sacerdotal. Deus institui a aliança com Abraão (Gn 17,2) uma aliança perpétua mediante o sinal da circuncisão (Gn 17,13). A promessa de descendência explicita a inclusão de Sara, que não podia ter filhos. Ela será agraciada com a bênção: “Deus disse a Abraão: ‘tua mulher, não mais a chamarás de Sarai, mas Sara’” (Gn 17,15), nome que significa “princesa, mãe de reis”. “Eu a abençoarei, e dela te darei um filho e eu a abençoarei, ela se tornará nações, e dela sairão reis de povos” (Gn 17,16). Aqui, Deus fez misericórdia a Sara, repetindo a promessa de descendência. A misericórdia se expressa na aliança com o Filho Isaac (Gn 17,19), e na promessa de bênção e descendência com Ismael, porque Deus o ouviu (Gn 17,20).

A história das peregrinações no Gênesis é marcada pela promessa de bênção, descendência. Abraão abençoado deve tornar-se uma bênção a todos os povos (Gn 12,2). O Deus de Abraão, Isaac e Jacó é aquele que liberta gratuitamente o povo do Egito. A libertação do Egito é como pedra fundamental da fé Israelita e faz parte do decálogo: “Eu sou o Senhor teu Deus que te fez sair da terra do Egito da casa da escravidão”. Foi Deus que primeiro amou o povo, conforme o cântico de Maria: “Socorreu Israel seu servo lembrado de sua misericórdia” (Lc 1,54).

Considerações finais

O Evangelho de Lucas, nos primeiros capítulos sobre a infância de Jesus, apresenta Maria e Zacarias, que, cada um a seu modo canta libertação do povo como obra da misericórdia de Deus (Lc 1,46-56.67-77). Deus se lembrou da misericórdia feita a Abraão e sua descendência. Percorrendo o livro do Gênesis, os termos misericórdia, compaixão, graça, não são frequentes. Porém, a bênção, a promessa de descendência e terra se repetem. Elas são inseridas em relatos que mostram a presença de Deus ao lado dos fracos, em situações de ameaça como a história da expulsão de Agar (Gn 16 e 21). No abandono e aflição, teve

a experiência da presença de Deus que a socorreu através do seu anjo, que a re-confortou e animou com a promessa de bênção e descendência.

Nos relatos de Gn 4 e Gn 6–9, constata-se tendência forte de reprovação da violência. O texto de Gn 4,1-16, ao relatar o conflito entre pastores e agricultores e o assassinato de Abel, destaca a marca de proteção em Caim para evitar que o vingador exerça seu direito. Deus vai contra a vingança e a violência. Portanto, a misericórdia se faz presente. A história vai à contramão dos costumes da época e apresenta uma boa notícia, que podemos chamar “protoevangelho”, pelo direito a vida como valor supremo. Caim é marcado para viver! Ele sofrerá as penas, será excluído da posse de terra como Adão e Eva foram excluídos do paraíso. Ele será errante, mas terá a vida preservada. O texto de Gn 6–9 também é um conto que usa os moldes dos relatos no esquema de pecado e castigo mediante a morte do pecador. Porém, a promessa de que não haverá mais dilúvio pelo mesmo fato de que o ser humano tende ao mal desde a adolescência é indício que Deus desaprova o método da violência. Não é destruindo o pecador que se destrói o mal, é melhor promover o bem, começando da casa do justo Noé. Os justos podem ajudar a vencer o mal e salvar também os injustos. É a mensagem do relato da destruição de Sodoma e Gomorra, no qual Deus poderia não ter castigado a cidade se houvessem apenas dez justos (Gn 18,32). Parece clara a preferência ao perdão e misericórdia em lugar da simples justiça retributiva.

A gratuidade e a misericórdia são explícitas na promessa a Abraão. Ele é justificado pela sua fé, antes das obras. Gn 15,1-11 relata a Aliança com Abraão seguida da promessa. Abraão é eleito para ser pai de um grande povo. Ele é pai na fé, o primeiro que acreditou. É imagem do povo peregrino, dos que descem ao Egito, de lá saem para entrar na terra prometida. Ele é também imagem do povo exilado na Babilônia que retorna para a terra. A promessa de bênção, descendência, terra, anima os caminantes. Nela se percebe que Deus se revela como fiel mantenedor da promessa e também bondoso. Ele liberta gratuitamente e se coloca ao lado dos fracos e excluídos.

No ano da misericórdia, quando observamos tantas catástrofes: terremotos, inundações, intolerância, terrorismo, morte de inocentes vítimas do crime organizado, epidemias, até mesmo extermínio, permanece a questão: Como falar de um Deus misericordioso? O sofrimento dos inocentes tornou-se para muitos a rocha do ateísmo (Georg Buchner). Como falar de Deus a partir do sofrimento dos inocentes? (Gustavo Gutiérrez). Deus é maior que nossos sofrimentos. Conforme Walter Kasper, “sem Deus não existe outra instância à qual possamos apelar, não existe qualquer esperança num último sentido, e numa justiça definitiva”⁸. O sermão das bem-aventuranças, testemunhado na história, deu sinais de uma cultura

8. KASPER, W. *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 15.

da paz, do diálogo e do perdão. O ano da misericórdia convida a todos a serem obreiros em favor da paz, mediante as bem-aventuranças e a suprema regra de ouro, baseada no amor cristão: “Faça aos outros tudo aquilo que gostariais que os outros te fizessem”(Mt 7,12).

Bibliografia

BLENKINSOPP, J. *Creazione de-creazione, nuovacreazione*: introduzione e commento a Genesi 1–11. Bologna: EDB, 2013.

CAUSSE, J.D.; CUVILLIER, E.; WENIN, A. *Violenza divina*. Um problema exegético e antropológico. Bologna: EDB, 2012.

GIUNTOLI, F. *Genesi 1-11*: introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo, 2013.

KASPER, W. *A misericórdia*: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. São Paulo: Loyola, 2015.

SCHWANTES, M. *Projetos de esperança*: meditações sobre Gn 1–11. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

SKA, J.L. *O Antigo Testamento*. Explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele. São Paulo: Paulus, 2015.

Vicente Artuso

Rua Alcides Munhoz, 190 – Mercês

80810-040 Curitiba, PR

vicenteartuso@gmail.com